

# Construção tradicional algarvia

*“A musical ordem do espaço,  
a manifesta verdade da pedra,  
a concreta beleza  
do chão subindo os últimos  
degraus, a luminosa contenção  
da cal, o muro compacto e certo  
contra toda a ostentação,  
a refreada e contínua e serena  
linha abraçando o ritmo do ar,  
a branca Arquitectura  
e nua até aos ossos (...)”.*

Eugénio de Andrade

São muitos os factores que contribuem para a caracterização do edificado Algarvio, desde o clima mediterrânico privilegiado, passando pela diversidade territorial (a serra, a orla marítima e a planeza do interior), até aos materiais disponíveis no meio envolvente.

Assim, “o homem com o seu engenho cria os meios de adaptação ao ambiente que o rodeia, procurando o mais produtivo aproveitamento da terra e a técnica mais adequada à construção do seu abrigo, de acordo com as condições geológicas e climáticas”<sup>(1)</sup>.

A riqueza e a variedade geológica da região caracterizam-se pelos seus maciços calcários e argilosos, que permitem a fácil manufactura da cal, de materiais cerâmicos, da sua utilização como alvenaria, pavimentos



O contraste da paisagem entre a serra (Silves) e a orla marítima (Ferragudo – Portimão)

exteriores e guarnecimento de vãos e do emprego do adobe e da taipa, sendo este último o material com maior relevância regional.

As paredes de taipa requerem uma execução cuidadosa e correctamente faseada: a fundação, em alvenaria de pedra, deve elevar-se acima do terreno para evitar o contacto da taipa com a humidade do solo; depois, através de moldes amovíveis (taipais, de onde provém a designação “taipa”), vão sendo criados troços de parede humedecida e compactada com a ajuda de um maço ou pilão e ligados por uma camada de cal e areia; os vãos são executados depois da parede finalizada, através da demolição do troço correspondente e sua guarnição com madeira, cantaria ou tijolo; nos cunhais é feito o travamento por contrafiada e poderá ainda existir um reforço utilizando tijoleiras; o revestimento a utilizar é o reboco e o acabamento final a caiação.

Apesar de utilizarem também a terra como matéria-prima, os tijolos de adobe aparecem em áreas mais restritas, essencialmente em terrenos arenosos e onde a escassez de outras matérias-primas justifica a sua utilização. Os tijolos são conseguidos através de moldes em madeira e secos ao sol. Como revestimento é usual utilizar a argamassa de cal e areia, e a caiação com um aditivo isolante como acabamento.

Na zona do Alto Algarve, a alvenaria

de xistos argilosos é frequentemente encontrada à vista ou apenas com a cal como revestimento. O xisto é também muito utilizado na elaboração de pavimentos exteriores e caminhos. Também na zona de serra podemos encontrar o calcário em alvenarias, quer em guarnecimento de vãos exteriores e interiores, ou ainda em pavimentos de pátios ou caminhos.

Os tipos de cobertura também diferem de zona para zona. No entanto, de uma maneira geral, predomina o telhado constituído por telha argamassada ou não, com uma ou duas águas. As telhas assentam num “encançado” (que substitui o vulgar ripado) formado por um conjunto de canas que se encontram ligadas entre si e aos elementos estruturais da cobertura por cordéis. As canas esmagadas, espalmadas, encanastradas e posteriormente fixadas a uma esteira



Execução de paredes de taipa - Cabeço de São Bernardo, Mértola



Ana Cravinho

Manufatura de tijolos de adobe através de moldes em madeira

de madeira são também utilizadas na execução de tectos falsos.

Nos terraços, mirantes e pavimentos elevados são usados os “dormentes” como sistema construtivo. Este consiste num vigamento de madeira modular onde assentam várias fiadas de ladrilho cerâmico correctamente argamassado e caiado. Devido às suas dificuldades de execução, este sistema é de uso restrito, localizando-se essencialmente na orla marítima.

As abóbadas executadas com ladrilho ou tijolo maciço são um sistema de cobertura bastante difundido por toda a região algarvia. Estas abóbadas são usualmente revestidas por várias camadas de cal. É um tipo de sistema que resulta, na maioria das vezes, em coberturas acessíveis.

Menos usual, mas extremamente interessante, é a construção em colmo que se encontra espalhada por toda a zona litoral. Sob um varedo de pinho e ripado de cana unido entre si com arame ou corda assenta o colmo no sentido da pendente, da periferia para o interior no caso de coberturas, e de baixo para cima no caso das paredes. Sendo o Algarve um território tão vasto e rico em exemplos arquitectónicos e construtivos, é imperativo salvaguardar este património, que não pode viver apenas de edifícios classificados, isolados, mas sim de recantos, lugares, vilas, aldeias e cidades que reflectem a memória e a sabedoria das “gentes”.

#### Notas e bibliografia:

<sup>(1)</sup>AA.VV., *Arquitectura Popular em Portugal*, Vol. III – zona 6 (Algarve), Associação dos Arquitectos Portugueses, 3.ª edição, Lisboa, 1988.

MATEUS, Rui, “Ermita de São Barão – Uma experiência pedagógica na área da recuperação patrimonial”, *Revista Monumentos*, n.º 16, Edição da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, Lisboa, Março de 2002.

TEIXEIRA, Gabriela de Barbosa; BELÉM, Margarida da Cunha, *Diálogos de Edificação – Técnicas Tradicionais de Construção*, CRAT – Centro Regional de Artes Tradicionais, 1998.

**ANA CRAVINHO, Arquitecta**  
STAP, S. A.



APP

Execução de um telhado constituído por telha argamassada e assente num “encaniçado” – Cabeço de São Barão, Mértola e Alte, Loulé



Arquitectura Popular em Portugal (APP)



APP

Exemplo de uma construção em colmo situada na Praia de Faro



APP

Exemplo de uma abóboda – Boliqueime, Loulé



Rui Mateus